

VIAGEM AO VOLGA

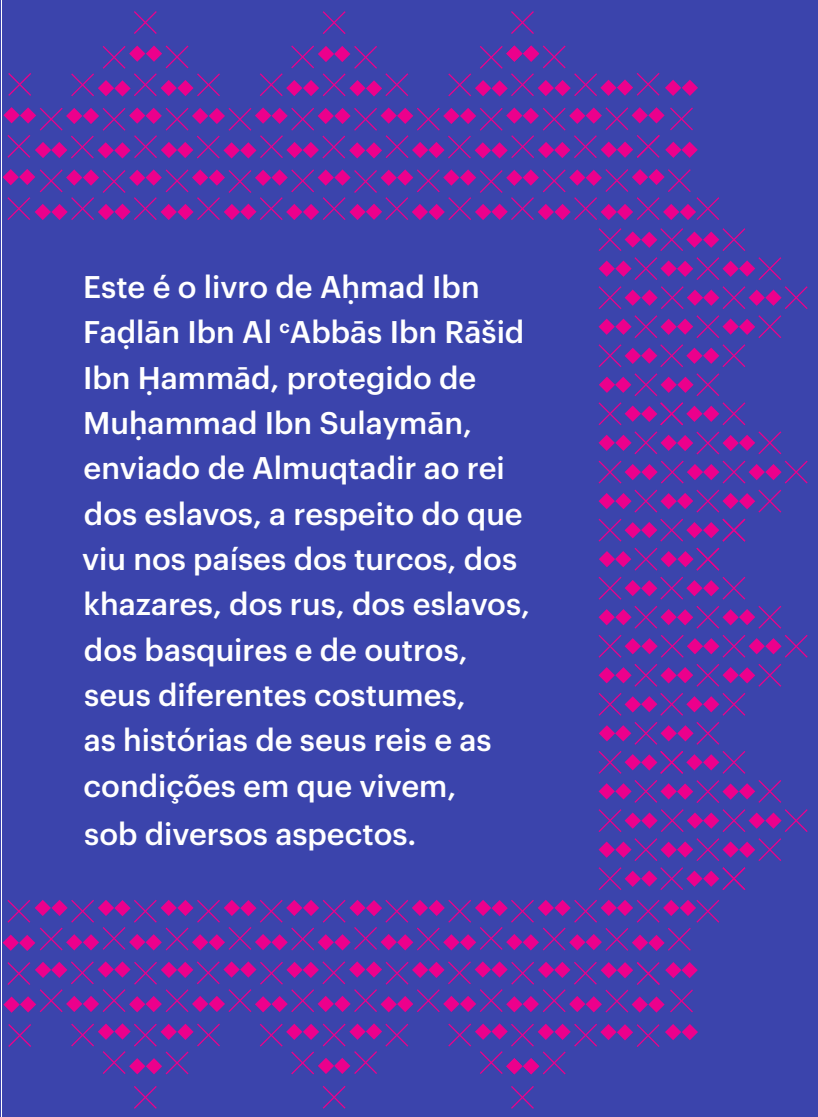
VIAGEM AO VOLGA

relato do
enviado de
um califa
ao rei dos
eslavos

TRADUÇÃO PEDRO MARTINS CRIADO

AḤMAD IBN FAḌLĀN

CARAMBAIA



Este é o livro de Aḥmad Ibn Faḍlān Ibn Al °Abbās Ibn Rāšid Ibn Ḥammād, protegido de Muḥammad Ibn Sulaymān, enviado de Almuqtadir ao rei dos eslavos, a respeito do que viu nos países dos turcos, dos khazares, dos rus, dos eslavos, dos basquires e de outros, seus diferentes costumes, as histórias de seus reis e as condições em que vivem, sob diversos aspectos.

Disse Aḥmad Ibn Faḍlān:²

Quando chegou uma carta de Almaš Ibn [Šilki] Yalṭwār, rei dos eslavos, ao comandante dos fiéis, Almuqtadir, pedindo um emissário que o instruisse na religião e nas leis do Islã, construisse uma mesquita e erigisse um mimbar para proclamar o nome do califa por todo o seu reino, além da construção de um forte para se defender dos reis adversários, a resposta ao pedido foi favorável.

O embaixador era Naḍīr Alḥaramī; a mim foi dada a responsabilidade de ler para o rei as cartas do califa, entregar os presentes enviados e supervisionar os juristas e instrutores. Para custear as construções que mencionamos e pagar esses juristas e instrutores, uma quantia de dinheiro lhe seria remetida da cidade conhecida como Arṭaḥuṣmiṭayn, um dos distritos de Ibn Alfurāt, da terra de Ḥuwārizm.

O enviado do rei dos eslavos a Almuqtadir era um homem chamado °Abdullāh Ibn Bāštū, o Khazarī. O enviado do sultão era Sawsan Arrassī, protegido de Naḍīr Alḥaramī, além de Takīn, o Turco, e Bārs, o Eslavo. Eu os acompanhei – conforme mencionei antes – para entregar presentes para o rei, suas esposas, seus filhos, seus irmãos e seus generais, e um medicamento que ele pedira quando escreveu a Naḍīr.

1 Na tradição de copistas de manuscritos árabes, é uma prática obrigatória abrir as cópias com essa evocação, chamada *basmallah*, que é, originalmente, o primeiríssimo versículo do Alcorão.

2 A recorrência do termo “disse” pontuando o relato, mesmo sem troca do narrador, é própria da tradição dos copistas e característica da literatura árabe. Foram mantidas todas as menções do original.

A PARTIDA

Partimos da Cidade da Paz [Bagdá] na quinta-feira, à 11ª noite de Şafar do ano 309 [H./21 de junho de 921 d.C.]. Ficamos um dia em Nahrawān e saímos de novo, viajando velozmente até chegarmos a Daskara, onde passamos três dias. Então, deixamos o lugar determinados a não nos deter até alcançarmos Ḥulwān, onde ficamos por dois dias. De lá, nos encaminhamos para Qarmīsīn, onde ficamos dois dias, e então seguimos até Hamḍān, onde permanecemos três dias.

Então, prosseguimos até Sāwa, onde paramos por dois dias; de lá, partimos para Rayy, onde esperamos, por onze dias, Aḥmad Ibn ʿAlī, irmão de Şu ʿlūk, que estava em Ḥuwār Arrayy. Partimos para Ḥuwār Arrayy, para uma parada de três dias, em seguida nos dirigimos a Simnān e de lá para Dāmḡān, onde encontramos por acaso Ibn Qārin, da parte de Addā ʿī. Nós nos camuflamos em meio à caravana e prosseguimos diligentes até Nīsābūr, onde havia pouco morrera Laylā Ibn Nu ʿmān. Foi lá também onde conhecemos Ḥamawayh Kūsā, comandante do exército de Ḥurāsān.

Viajamos, então, para Sarḡas; de lá para Marw, e de Marw para Quşmahān, que fica à beira do deserto de Āmul. Passamos três dias ali, deixando os camelos descansarem antes que adentrássemos o deserto. Cortamos o deserto até Āmul e, cruzando o rio Jayḡūn, chegamos a Āfrīr, o posto avançado de Ṭāhir Ibn ʿAlī.

De Āfrīr, fomos até Bikand e, então, entramos em Buḡhārā. Ao chegarmos lá, nos dirigimos a Aljayhānī, secretário do emir de Ḥurāsān, que ali é conhecido como “o xeique chefe”. Ele ordenou que nos providenciassem uma casa e nos enviou um homem para atender a nossas necessidades, ficar à nossa disposição e prover tudo que pudéssemos querer. Esperamos vários dias até que ele pediu em nosso nome permissão para que víssemos Naşr Ibn Aḡmad. Quando o encontramos, vimos que ele era um jovem imberbe e o cumprimentamos como a um emir. Ele nos ordenou que sentássemos e a primeira coisa que nos perguntou foi: “Como estava meu senhor, o comandante dos fiéis, quando vocês o deixaram? – Deus prolongue sua vida e preserve sua saúde e a de seus jovens e auxiliares”; ao que respondemos: “Bem”. Ele disse: “Deus eleve seu bom estado!”.

A seguir, foi lida para ele a carta que o ordenava a transferir o distrito de Arṭaḡuşmiṭayn das mãos de Alfaḡl Ibn Mūsā, o Cristão, representante de Ibn Alfurāt, para o governo de Aḡmad Ibn Mūsā Alḡuwārizmī. Também lhe foi solicitado que nos deixasse seguir em frente e enviasse uma carta a seu governante em Ḥuwārizm para que ele não dificultasse nossa passagem e outra ao guardião do portão dos turcos para que nos escoltassem e não pusessem nenhuma dificuldade à nossa passagem.

Ele perguntou: “Onde está Aḡmad Ibn Mūsā?”. E respondemos: “Nós o deixamos quando saímos da Cidade da Paz. Ele nos seguiria após cinco dias”.

E ele: “Ouço a ordem do meu senhor, o comandante dos fiéis, e a obedeço – Deus prolongue sua vida”.

Disse Aḥmad Ibn Faḍlān:

A notícia chegou a Alfaḍl Ibn Mūsā, o Cristão, representante de Ibn Alfurāt, que, por sua vez, elaborou um ardil para lidar com Aḥmad Ibn Mūsā: escreveu a todos os chefes das forças de segurança da estrada de Ḥurāsān, do distrito militar de Sarḥas até Bīkand, dizendo: “Atendem os olhares para Aḥmad Ibn Mūsā nos caravançarás e postos de vigia. Ele é um homem de tais e tais características. Quem o encontrar deverá detê-lo até receber nossa carta sobre o assunto”. Ele de fato foi pego em Marw e detido.

Ficamos em Buḥārā 28 dias. °Abdullāh Ibn Bāštū e outros companheiros diziam: “Se ficarmos, o inverno atacará e não poderemos prosseguir. Caso Aḥmad Ibn Mūsā chegue, ele nos alcançará”. Alfaḍl Ibn Mūsā concordou.

Disse Aḥmad Ibn Faḍlān:

Notei que os dirrās de Buḥārā são feitos de metais coloridos. Alguns deles são chamados dirrās *ḡiṭrifi* e são de cobre, bronze ou latão. São contados por número, sem pesar – cada 100 para 1 dirrā de prata. Assim, as condições dos dotes das mulheres são: fulano, filho de beltrano, casa com a fulana, filha de sicrano, por tantos e tantos mil dirrās *ḡiṭrifi*. O mesmo vale para as compras de propriedades e escravos, nas quais se usam apenas estes dirrās. Há ainda outros dirrās de latão – cada 40 valendo 1 danaca – e também os chamados dirrās de Samarcanda – 6 valem 1 danaca.

ḤUWĀRIZM

Quando ouvi o que diziam °Abdullāh Ibn Bāštū e os outros para me alertar da aproximação do inverno, partimos de Buḥārā voltando para o rio e alugamos uma embarcação até Ḥuwārizm – a distância de onde alugamos o barco até lá é de mais de 200 parasangas. Viajamos apenas durante parte do dia, não conseguindo continuar o dia inteiro por causa do frio intenso, até chegarmos a Ḥuwārizm.

Fomos imediatamente até seu emir, Muḥammad Ibn °Irāq, xá de Ḥuwārizm. Ele nos recebeu com hospitalidade, admitiu-nos em sua presença e nos alojou em uma casa.

Depois de três dias, ele nos convocou para debater sobre a entrada na terra dos turcos. Disse: “Não darei a vocês permissão para isso, pois não me é lícito deixar que vocês arrisquem sua vida. Sei que isto não passa de um ardil elaborado por esse rapaz – referindo-se a Takīn – que vivia entre nós como ferreiro, empenhado em vender ferro na terra dos infiéis. Foi ele quem induziu Naḍir ao erro, levando-o a falar com o comandante dos fiéis e a trazer-lhe a carta do rei dos eslavos. O honorável emir – referindo-se ao emir de Ḥurāsān – teria mais direito de proclamar o nome do comandante dos fiéis naquela terra, caso encontrasse uma saída segura para fazê-lo. Além disso, dizem que, entre onde vocês estão agora e o país de que vocês falam, há mil tribos de infiéis. Isto é um embuste contra o califa; este é meu sincero conselho a vocês. É imperioso que se envie uma carta ao honorável emir para que ele consulte por escrito o

califa – Deus o fortaleça. Vocês permanecerão aqui até que chegue resposta”.

Deixamos sua presença por aquele dia. Mas depois retornamos, sempre tratando-o com cordialidade e lisonjas. Dissemos: “Se esta é a ordem do comandante dos fiéis, para que consultá-lo a esse respeito?”. Finalmente, ele nos deixou prosseguir, então descemos de Ḥuwārizm até Jurjāniya pelo rio – uma distância de 50 parasangas.

Notei que os dirrās de Ḥuwārizm são adulterados com chumbo e falsificados em latão. São chamados de dirrās *ṭāzija* e seu peso é de 4,5 danacas. Os cambistas também vendem dados, peões e dirrās. Eles são um povo de fala e hábitos horrendos. Seu idioma mais parece um grito de estorninho. A um dia de jornada, há uma aldeia chamada Ardakwa, cujos habitantes são conhecidos como *kardalis*; a língua deles parece algo como um coaxar de sapos. Eles negam a legitimidade do comandante dos fiéis °Alī Ibn Abī Ṭālib – Deus esteja satisfeito com ele – ao final de cada oração.

O FRIO DO INFERNO

Permanecemos em Jurjāniya por vários dias. O rio Jayḥūn havia congelado de ponta a ponta e a espessura do gelo era de 17 palmos. Cavalos, mulas, burrinhos e carroças andavam sobre ele como se fosse uma estrada e ele nem sequer trincava. Permaneceu assim por três meses.

Vimos uma terra que nos fez pensar que o portal para o frio do inferno se abria diante de nós. Quando a neve cai, é sempre acompanhada de um severo

vendaval. Se um homem desse povo quer agradar a um amigo e ser generoso com ele, diz: “Venha até minha casa para conversarmos, pois tenho uma boa fogueira” – isso caso ele queira ser generosíssimo e muito solícito. Entretanto, Deus Altíssimo os beneficiou com lenha abundante e a fez barata para eles: uma carriola cheia de lenha *ṭāḡ*³ custa 2 dirrās de lá, contando por volta de 3 mil arráteis.

Há entre eles uma regra segundo a qual os pedintes não param às portas, mas sim entram na casa, sentam-se diante do fogo por uma hora para se aquecer, e então dizem “*pakand*”, que significa “pão”.

Nossa estada em Jurjāniya foi prolongada: ficamos ali por vários dias do mês de Rajab, e depois os meses de Ša °bān, Ramaḏān e Šawwāl inteiros. Nossa permanência se estendeu dada a severidade do frio e das dificuldades causadas por ele. De fato, contaram-me que dois homens haviam conduzido doze camelos, com os quais carregariam lenha de alguns bosques, mas esqueceram-se de levar consigo pederneira e isca para fogueira, e assim foram obrigados a passar a noite sem fogo. Quando acordaram, os camelos tinham morrido por causa do frio intenso.

Eu vi o quão frio era o clima: os mercados e as ruas ficam tão vazios que quem passa por ali não encontra sequer um ser humano. Quando eu saía do banheiro e entrava na casa, via que minha barba tinha virado um bloco maciço de gelo, que eu tinha de derreter em frente à fogueira.

³ Planta nativa da Ásia central, cujo nome científico é *Haloxylon ammodendron*.

Eu dormia em uma casa, dentro da qual havia outra casa, dentro da qual havia uma tenda turca de feltro, onde eu ficava embrulhado em mantos e peles; ainda assim, por vezes meu rosto até grudou no travesseiro.

Além disso, vi que lá as cisternas são envoltas em gibões de pele de ovelha, para prevenir que rachem ou quebrem, mas isso de nada adianta. Vi até o chão se rachar em enormes vales e grandes árvores antigas fenderem em duas partes, tamanha a intensidade do frio.

PROVISÕES PARA UMA NOVA PARTIDA

Quando estávamos na metade do mês de Šawwāl do ano 309 [H./fevereiro de 922 d.C.], o tempo começou a mudar e o rio Jayḥūn, a derreter. Adquirimos os utensílios de viagem de que pudéssemos precisar e compramos camelos turcos. Balsas de couro de camelo foram construídas para nós, para enfrentarmos os rios que fossem necessários atravessar na terra dos turcos, e reunimos provisões de pão, painço e carne curada para três meses.

Os habitantes locais de quem nos havíamos tornado mais próximos nos instaram a tomar precauções quanto às vestimentas e a sempre usar muitas delas. Eles foram enfáticos e nos atemorizaram com isso. Quando testemunhamos aquilo por nós mesmos, vimos que era duas vezes pior do que nos fora descrito. Cada um de nós estava vestido com uma túnica, um cafetã, um gibão, um manto lanoso, um gorro com aberturas apenas para os olhos, um par de ceroulas comuns,

outro de ceroulas forradas, meias, um par de botas de couro de cavalo e, por cima delas, outro par de botas, de modo que, enquanto estivéssemos montados nos camelos, nenhum de nós conseguiria se mexer de tanta roupa.

Ficaram para trás o jurista, o instrutor e os jovens que haviam saído conosco da Cidade da Paz, todos por medo de adentrar aquela terra. Seguimos em frente eu, o enviado, seu cunhado e os dois rapazes, Takīn e Bārs.

ALERTA AOS COMPANHEIROS

Quando chegou o dia de retomarmos a jornada, eu disse a eles: “O pajem do rei está com vocês e já está a par de tudo. Vocês estão levando consigo as cartas do sultão, as quais, sem dúvida, mencionam os 4 mil dinares *musayyabī*⁴ destinados a ele. Vocês estão se dirigindo a um rei estrangeiro. Ele exigirá esse dinheiro”. Eles disseram: “Não se preocupe. Ele não nos pedirá isso”. Eu os alertei, dizendo: “Eu sei que ele exigirá”, mas eles não deram importância.

A caravana estava pronta e bastante organizada para seguir. Contratamos um guia do povo de Jurjāniya, que ali é chamado de *qilawās*. Então, confiamos em Deus, Todo-Poderoso, e pusemos nosso destino em Suas mãos.

⁴ Moeda produzida na Transoxiana, comum na região norte de Ḥuwārizm. Seu nome remete a Musayyab, governador de Ḥurāsān.